

SEXUALIDADE NA INFÂNCIA: UMA LEITURA DO “COMPLEXO DE ÉDIPO” NO CONTO “COMO AS RÃS” DE HAROLDO MARANHÃO.

Francisco Pereira Smith Júnior¹

RESUMO

O artigo faz uma reflexão sobre a sexualidade na infância a partir de um conto da obra *Jogos Infantis*, do escritor paraense Haroldo Maranhão. A narrativa traz como pano de fundo o cotidiano de uma família classe média e as descobertas sexuais de um garoto. Para essa discussão, abordará a teoria de Sigmund Freud sobre o Complexo de Édipo e compreenderá na narrativa as ações do personagem principal. Para isso, buscará apoio teórico nos estudos de Chaves (1988) e Candido (2002).

Palavras-chave: Sexualidade. Infância. Literatura. Conto.

ABSTRACT

The article makes a reflection on the sexuality in the childhood from a tale of the play *Infantile Games* of the writer paraense Haroldo Maranhão. The narrative brings into the background the daily life of a middle-class family and the sexual discoveries of a boy. For this discussion, he will approach Sigmund Freud's theory about the Oedipus Complex and will understand in the narrative the actions of the main character. For this, it will seek theoretical support in the studies of Chaves (1988) and Candido (2002).

Keywords: Sexuality. Childhood. literature. Short story.

INTRODUÇÃO

Uma obra literária possui a função de imitar os sentimentos mais reais possíveis e somente terá seu efeito no público leitor quando retratar sentimentos verossímeis que alcancem sua catársis. Talvez essa seja uma paráfrase daquilo que foi pensado por Aristóteles em *A poética*, mas não devemos esquecer que em todo esse contexto de criação, será o escritor responsável por gerar expectativas no público a partir de segredos que somente ele confia a sua narrativa.

Por isso quando toma um modelo na realidade, o autor sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, a sua incógnita pessoal, graças a qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada. Noutras palavras o autor é obrigado a construir uma explicação que não corresponde ao mistério da pessoa viva, mas que é uma interpretação deste mistério; interpretação que elabora com a sua capacidade de clarividência e com a onisciência do criador, soberanamente exercida. (CANDIDO, 2002, p. 65).

A personalidade não revelada é o mistério das personagens que nunca o escritor irá declarar totalmente, pois pela própria natureza da personagem, que é a verossimilhança, estes

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará(UFPA). Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Planejamento do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará (PDTU/NAEA/UFPA). Professor Adjunto III da Universidade Federal do Pará. Professor permanente e vice-coordenador do Programa do Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA). E-mail: fsmith@ufpa.br

não poderão permitir sentimento de certeza ao leitor, já que são umas leituras do incerto, de um homem real. Assim, os personagens se realizam e se desnudam na narrativa de forma misteriosa e instigante.

A interpretação de um texto literário requer diálogo por vezes no campo da interdisciplinaridade para ser interpretado, teorias de outras áreas possibilitarão clarificar o mistério que está em um campo que exige a bastante de áreas como a Hermenêutica, Psicologia, História, Ciências Sociais e muitas outras áreas de contato.

Neste artigo, o uso de teorias da Psicologia serão fundamentais para interpretar o conto “Como as rãs” de Haroldo Maranhão. A razão disso, se faz necessária pelo fato de haver um apelo do texto ao diálogo com o Complexo de Édipo de Freud. Foi na carta 71 a Fliess, de 15.10.1897, que Freud declarou, a partir de si, que descobriu seus impulsos carinhosos diante da mãe e impulsos hostis diante da figura do pai. A tragédia de Sófocles, centrada na temática do incesto, serve para o psicanalista como “conceito inicial” ao seu estudo em que tem sob análise a sexualidade infantil e que até nossos dias é temática para vários livros.

A catarse é executada na obra de Sófocles em função da própria experiência que cada um possui, através do seu contato com o meio e com o outro. Foi com base nisto que, em umas de suas pesquisas, em proveito do enriquecimento de seu trabalho, Freud realizou uma ampliação do que estava proposto na carta 71. Após uma pesquisa realizada a partir da história do pequeno Hans, que registrou este indivíduo nada mais ser que uma figura de Édipo em criança, que visava à morte do pai para estabelecer uma relação de intimidade com a mãe, porém existia uma relação conflitante em função do afeto e carinho que sentia pelo pai, marcando o início de uma neurose, com sentimentos de ciúme e asco pelo pai.

A rivalidade e a sensação de competição perceptíveis no pequeno Hans, o garoto não conseguia aceitar a idéia de saber que seu pai tocava sua mãe, ocasionando uma profunda angústia e depressão. Estes fatos serviram de material de pesquisa analisados por Freud e contribuíram para a elaboração final de sua obra a respeito da sexualidade.

Ao estabelecer uma comparação do “conceito inicial” do Complexo de Édipo com o conto literário “Como as Rãs”, é imediato perceber o jogo de sentimentos de rivalidade, ódio e repugnância da personagem principal da trama em diálogo com a teoria de Freud. Pois, da mesma forma que o pequeno Hans, estes sentimentos serão parte do imaginário de nosso narrador-personagem.

1. INFÂNCIA E SEXUALIDADE EM *COMO AS RÃS* DE HAROLDO MARANHÃO

A narrativa “Como as rãs” inicia com o depoimento de um menino, sobre o drama de dormir de olho arregalado no escuro e por já ter visto (imaginado ver) elefantes, gatos, cadeiras, bondes, “aquelas coisas se mexendo”, como quando se olha as nuvens e algumas parecem brinquedos, pessoas, árvores e xícaras, ou seja, um turbilhão de imagens que fazem parte do imaginário da criança.

A personagem ouviu rumores, a princípio abafados, que foram crescendo, parecendo uma discussão, mas em voz baixa, no quarto da sua mãe. O menino tomado pela curiosa necessidade em saber o que se passava com os pais, resolveu se encostar na porta do quarto do casal para tentar entender o que estava acontecendo e depara-se com o ato sexual dos pais, atitude mal interpretada, em suas mais diferentes formas pelo garoto.

Em função da extrema estima que sentia pela mãe, o menino acredita estar presenciando uma espécie de agressão, uma suposta violência do seu pai e, com isto, surge uma série de perturbações e questionamentos por parte da personagem principal do conto, que perfeitamente se adequa como exemplos do Complexo de Édipo, instaurado através de sentimentos de ódio, que existe nos indivíduos em sua fase de construção da sexualidade, pois a figura da mãe, sempre será para a criança do sexo masculino, a imagem de mulher indefesa e frágil e o homem assumirá a figura de dominador e carrasco, assim como para as meninas o pai representa a imagem do valente e corajoso herói de obras clássicas e românticas.

Ao amanhecer, a atitude do protagonista é de cobrir de beijos a figura de “mocinha” da narrativa, mas inventada no consciente da criança: a sua mãe. A suposta agressão, entendida pelo protagonista da história, leva o menino a repudiar o ato do próprio pai, como pode ser observada no trecho.

Foi quando de repente senti um estalo forte, e vi direitinho a mãozona do meu pai dar uma bofetada na minha mãe, enquanto ela falava: “bate, bate, bate” e ele então sapecava mais bofetes, pleque, pleque, pleque, e ela gemia, gemia de dor mas pedia mais, e eu de cabeça ardendo, sentindo as pancadas como se fossem em mim, nervoso, confuso, eu tremia de medo, queria fugir, sair correndo para a rua e nunca mais voltar. (MARANHÃO, 1986, p. 23-24).

O sentimento de repugnância pelo pai em contraposição ao padecimento da mãe é visível no trecho seguinte quando o garoto tenta fantasiar e confundir-se com a imagem de cavaleiro e arrancar dos braços de seu próprio pai a sua amada mãe, vítima de maus-tratos.

A minha mãezinha coitada devia estar cansadíssima e com o rosto doendo de tanta

tapona do bruto, que eu não sei como não invadi o quarto e bati nele com toda a minha raiva, que eu só não fiz porque a minha mãe não gritou por socorro e não sei mesmo por que não gritou, que ele batia e batia, mas muito pelo contrário pedia que batesse mais e mais, o que nunca entendi, minha cabeça só faltava explodir, eu voltei para a minha cama e tapei os ouvidos, tapei com força (MARANHÃO, 1986, p. 24).

O Complexo de Édipo é o mais típico exemplo de conflito na fase de transformação do homem; nele se confrontam a forte atração física pela mãe e a rivalidade pelo pai, para além das interdições que a educação e a civilização fazem entrar no jogo. As futuras relações com a mulher ficarão para sempre marcadas por esse fato, se o jovem não for submetido a um sério tratamento. O Complexo de Édipo originará o estado fálico, centrado na zona genital. Esta fase fálica será quebrada pelo tempo de latência. A partir do quarto ano e o quinto ano de idade e a puberdade, alonga-se o tempo de latência durante o qual as pulsões sexuais parecem mais ou menos obliteradas. O amor sexual pela mãe se reduz, transformando-se num amor menos físico. O sentimento de amor e rivalidade, que o filho sente pela figura do pai se localizam no mesmo plano, resultando em um comportamento ambivalente do adolescente que pode por vezes ficar em suspenso por toda sua existência.

A consciência de inocência é um ponto de grande importância levantado no texto, é percebida através da fala da personagem principal da história, pois o narrador já está em uma fase adulta contando o que teria se passado em sua vida. Estaria lembrando uma cena que ficou marcada em sua memória, permitindo ao leitor ter noção do impacto causado naquele momento, pois ainda não tinha noção alguma a respeito de sexualidade. O sentimento de proteção do filho diante da mãe irá revelá-lo corajoso, imaculado e preocupado com o bem-estar de sua indefesa amada, que precisa ser protegida. Então são vindos à tona, sentimentos conflitantes: ódio, medo, falta de consciência, angústia, dúvida e outras percepções que fazem do protagonista um indivíduo confuso em sua própria consciência e razão, apesar de o narrador tentar, no início do texto, deixar marcada a imagem de um adulto machista e impetuoso.

Nunca fui dessas crianças que choram de noite para chamar atenção. Eu, não, agüentei firme o meu sarampo, doer, não doía, apenasmente não encontrava jeito de dormir. Mas quando que eu ia incomodar minha mãe?, minha tia, a avó?, acordar as pessoas de casa como faziam o Lauro e o Dinho? Não ia adiantar mesmo, ia? (MARANHÃO, 1986, p. 21).

Medo de escuro foi coisa que nunca senti, feito o Lauro, que se mija de medo se não deixam uma luz acesa no corredor, que ele pensa que luz espanta fantasma, ora espantar! que se fantasma atravessa parede como é que vai fugir de luz? Mas o Lauro sempre teve dessas bobagens, grandíssima bobagem, que mal ele dormia vinha nossa avó e apagava a lâmpada, que ela dizia que nós não éramos sócios da Pará Elétrica. (MARANHÃO, 1986, p. 22).

Na origem do aparelho psíquico, há uma suposição delirante das mães e dos pais que acham seus filhos maravilhosos, espertos, inteligentes, falantes e até indefesos, desta forma enche-os de proteção, de cuidados e de zelos exagerados. Sendo assim, tornam-se seus ídolos mais tarde, juntam-se a isso a lei e o desejo. Na medida que aparece a lei, surgem os limites e a criança deixa de ser, numa perspectiva lacaniana que não adotaremos, “gozante” e se coloca como “desejante”, isso ocorre quando ela incorpora a condição da lei. Assim, a criança tem que mediar seu desejo pela linguagem, submetendo-se a um modo possível de realização desses desejos. Os pais fazem isso acontecer naturalmente, pois a criança não pode ter usufruto pleno, mas subjugar-se a uma série de princípios e é o pai que transmite esses valores com sua função de se interpor a esse imediatismo.

Eu queria fazer alguma coisa para acabar com o sofrimento da minha mãe, coitada, ali naquela triste posição, fazendo uma força danada e ainda gemendo de tanta dor, mas ele não, ele, o durão, que se arrebatasse, mas elazinha, coitadazinha da minha mãe, padecendo e gritando cada vez mais alto, que se eu estivesse dormindo seria bem capaz de acordar, que agora os gritos eram muito altos, que só não acordavam o Lauro e o Dinho porque eles têm mesmo sono de defunto, mas talvez a Tia Dulce tivesse acordado. Minha cabeça estava numa confusão tremenda, quis correr para o quarto da Tia Dulce e pedir socorro, mas ao mesmo tempo tinha a impressão de que aquilo era e não era dor. (MARANHÃO, 1986, p. 23).

A partir do momento em que a mãe passa a investir na criança, como sua protetora, as coisas podem se objetivar, pois esta passa ser a mãe fálica, que detém o objeto da falta. É preciso entrar uma terceira figura para acabar com a relação narcísica e incestuosa entre mãe e filho. A figura paterna representa esse corte na relação mãe e filho.

O que está em jogo na função paterna é a lei da proibição do incesto; lei psíquica que dá condições ao indivíduo de entrar numa cultura de leis, porque não há lei sem cultura, nem cultura sem lei, é neste momento que se percebe a clara intenção do narrador em criar personagens em “Como as rãs” capazes de demonstrar esse conflito existente nessa fase em que a criança está em seu processo de construção sexual e a forma pela qual essas questões precisam ser trabalhadas pelo texto literário.

Em um determinado momento da narrativa há uma fala do personagem principal quase como um pedido de “socorro”, como se tentasse interferir no ato sexual dos pais. Resultado, talvez, desse sentimento imediato de repugnância pelo próprio pai, fazendo-o pensar em ser um escudeiro que irá enfrentar seu inimigo, ou um cavaleiro que precisa salvar sua dama que se encontra em perigo e deve lutar, pois o combate é a única saída para o mocinho, que se sente torturado e desonrado ao ver a amada sendo tomada de forma tão brutal pelos braços de outro. Desta forma, percebe-se a profundidade de discurso que é atingida pelas personagens

de “Como as rãs” quando o narrador cria imagens que possibilitam uma leitura rica, por meio de uma linguagem direta e, com efeito, imediato no público-leitor.

Foucault (1984) ao fazer uma leitura do *Édipo-Rei*, de Sófocles, concorda com as ideias de Jean-Pierre Vernant e Vidal-Naquet, e nos possibilita outro ponto de vista diante da obra *Édipo-Rei* e do conto “Como as rãs”, uma leitura que irá procurar entender a ligação de Édipo e Jocasta como uma relação entre poder e saber, não apenas como uma temática do desejo incestuoso, mas como uma relação social coletiva de domínio. O que existe em *Édipo-Rei* seria a comprovação da existência de uma prática jurídica e de um determinado modo de produção de verdade, transferindo o complexo para um nível coletivo ao invés de individual, em que poder e saber serão os pontos principais para se entender a sociedade.

A família burguesa como modelo de toda e qualquer família; a moralização da classe operária como efeito estratégico de uma política que, intensificando o cuidado com o corpo, intensifica a eficácia da dominação. A burguesia é, assim, na análise de Foucault, um “foco hegemônico”, onde se origina historicamente o que designamos como “sexualidade” e cuja generalização enquanto dispositivo é um fato político dos mais fundamentais no decorrer do século XIX. (CHAVES, 1988, p. 109-110).

Essa visão de poder e saber se reafirma quando Foucault analisa o pensamento de Deleuze e Guattari, em que a relação ao triângulo edípiano será uma forma de “controle”, de “contensão do desejo”, referindo-se à estrutura histórica da família, em que demonstra a mãe como a primeira instância na formação familiar. As reações encontradas no protagonista de “Como as rãs” talvez seja nada mais que o rumor da contensão do desejo, a voz da relação de poder da sociedade, da família, e dos mais variados poderes diante da questão sexual na sociedade, revelando o exercício do poder dominante.

Foucault, em *A Vontade de Saber*, apresenta como ponto inicial entender a questão da sexualidade a partir dos adolescentes, das crianças e mulheres. Observa que o sexo é disseminado pela Burguesia como “temor que precisa de controle”, então apresenta três ordens de problemas, que podem ser os responsáveis pela difícil introdução da sexualidade nas camadas populares, o controle de natalidade, o controle judiciário e médico das perversões e a problemática da saúde e de suas condições de funcionamento. Com isso o estudioso deixa evidente o seu pensamento diante da obra de Sófocles como um testemunho das práticas jurídicas gregas, da mesma forma como talvez se possa entender o conto “Como as rãs”, que seja um texto que dialogue com o seu público leitor, em uma relação estabelecida de sexualidade com poder e saber enquanto fenômenos sociais.

“Controle” tem, em Foucault, o sentido restritivo de vigilância sistemática, contínua,

que incide tanto a nível dos corpos como da própria espécie humana. Mais ainda: tal controle se concentra na base da constituição de saberes para quem a observação meticulosa e o cuidado permanente são fundamentais. Daí que o controle médico, jurídico, pedagógico, não visa a reprimir, mas a intensificar o cuidado com os prazeres e as sensações. Buscando normalizá-lo e, ao mesmo tempo, com pretensão de prevenir as possíveis transgressões. O conceito que melhor exemplifica essa idéia de um “cuidado” e de um “controle” não-repressivos é o de exame (médico, judiciário, pedagógico, etc.), ritual de poder que possibilita, em uma mesma operação, controlar e qualificar os indivíduos em referência as normas. (CHAVES, 1988, p. 108).

Em “Como as rãs” o que se percebe é a criação de um espaço familiar, apresentando a família, a relação de sentimento dos membros que a compõem, as proibições, as transgressões, a doença, a imaginação, a inocência infantil, o mundo social desse ambiente familiar, supostamente de classe média. Nesse espaço uma criança irá participar do julgamento dos seus próprios valores construídos; valores esses que foram instituídos por seus pais em nosso menino-personagem, transformando-o em uma espécie de vigilante e juiz social diante da questão da sexualidade, reprimindo o “ato” daqueles que “o reprimem” no seu processo de formação sexual.

Quando se pega sarampo, não sei o que dá na gente, uma inquietação, umas coceiras, de noite não se consegue sossegar. Pelo menos comigo, quando tive sarampo cabeceava de sono, queria dormir mas não dormia, ficava horas de olho arregalado no escuro, vendo elefantes, gatos, cadeiras, bondes, aquelas coisas se mexendo, como quando se olha as nuvens e algumas parecem brinquedos, pessoas, árvores, xícaras (MARANHÃO, 1986, p. 21).

Me encostei na porta entreaberta e ouvi direitinho a minha mãe gemer: “Ai! ai!, ai!” Gemia tão alto que me assustei, parecia estar tendo um ataque, sentindo muita dor de tanto que ela gemia. Quase que entro no quarto para ver o que acontecia, que ela estava tendo alguma coisa, que estava, estava, alguma dor. Mas eu, hein!, que o meu pai podia ralar e até me bater. Foi quando ela quase gritou, a minha santa mãezinha, e o meu pai fez um bruto psiu que eu não gostei nada, ora bolas!, se ela gritava era porque alguma coisa doía e ele não fazia nada, só dizia psiu, nem sei já por que psiu, que elazinha só fazia gemer de dor, coitada. Ai eu vi ele pegar o travesseiro e pôr na cara da minha mae. Então eu passei a ouvir bem baixinho os gemidos, mas também, pudera!, com toda aquela abafação no rosto, que podia muito bem sufocar ela, até matar. (MARANHÃO, 1986, p. 22).

Por fim, deve-se citar que nosso protagonista de “Como as rãs” assume o papel de direito a questionar a figura do pai e quase enfrentá-lo como um agressor. (*ora bolas!* Maranhão, 1986). As falas do garoto revelam uma postura de indignação de não poder ter o direito de fato a intervir (*...Então eu passei a ouvir bem baixinho os gemidos, mas também, pudera!, com toda aquela abafação no rosto, que podia muito bem sufocar ela, até matar.* Maranhão, 1986, p. 22). O fato é que nosso personagem é levado a vários questionamentos internos que promovem uma rivalidade diante da figura paterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto permite ao leitor encontrar-se no mundo imaginário do escritor Haroldo Maranhão a partir de suas próprias experiências. Há uma interatividade de vários elementos como conhecimento, experiências, prazer, amor e outros princípios. Estes, através de uma articulada linguagem apontarão para o merecido reconhecimento e valor literário de uma obra.

A estrutura narrativa de um texto e os elementos que a compõem se unem como em um processo de costuras. Um exemplo disto são as personagens de cânones literários que possuem valor reconhecido, estas emitem idéias ao leitor de uma ficção próxima da sua realidade, fazendo-nos avançar para os mais variados campos, como o da Psicologia, permitindo-nos ter noções do subconsciente e inconsciente, para entendermos melhor a relação do homem com o espaço.

O artigo buscou discutir o universo sexual da família, com a defesa de opiniões, colocações e embasamentos teóricos a respeito da sexualidade, valorizando a simbologia da sexualidade, diferenciado-a de genitalidade, além de ter se voltado para a observação do autoerotismo como inseparável da natureza do homem. A observação do homem em sociedade e da criança como elementos sociais responsáveis por suas ações e pela imagem que constroem no momento em que buscam encontrar um equilíbrio entre o psíquico e o social.

Ao analisar o artigo “Com as rãs” percebe-se a ambigüidade de sentidos a partir da narrativa de um garoto curioso e assustado. O contato com experiências sexuais infantis possibilita ao leitor inserir-se no universo da criança e do adolescente enquanto objeto de análise do homem. Talvez esta proposta possa encontrar respostas através de reflexões coerentes, por meio de uma relação do lúdico com a realidade.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *A Literatura e sociedade. Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CHAVES, Ernani. **Foucault e a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CUNHA, Helena Parente. **Mulheres Inventadas 1: visão psicanalítica, descompromissada e interdisciplinar de textos na voz masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. Trad. Luiz Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FAUSTINO, Mário. **Poesia-Experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Volume XIII. Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969/1996

FRY, Peter e MACRAE Edward. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, s.d.